

Homenagens á memoria do Prof. Sarmento Leite

O dia 24 de Abril marcou o primeiro anniversario do fallecimento do Prof. Sarmento Leite, o emerito ex-director, durante 20 annos, da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Os corpos docente e discente, numa expressiva demonstração de saudade, realizaram varias homenagens que valeram como significativa demonstração de magua e de saudade, que perduram entre todos os que conheceram Sarmento Leite.

Em todas as homenagens fizeram uso da palavra diversos professores e academicos, cujas orações aqui publicamos.

Por iniciativa do Dr. José Ricaldone, chefe de clinica da 4.^a cadeira de Clinica Medica, foi prestada sentida homenagem á memoria do Prof. Sarmento Leite, na 17.^a Enf. (Prov. Amorim), da qual é director o Prof. Sarmento Leite Filho, cathedratico da 4.^a Clinica Medica. Constatou ella da inauguração do retrato do velho Mestre na sala de aulas e laboratorio, annexa á 17.^a Enf., e da collocação de uma placa commemorativa — Sala Prof. Sarmento Leite — dando seu nome á referida sala.

Discurso do Dr. Ricaldone

Como tributo de muita veneração e consciente reconhecimento do muito que te devemos, Mestre e amigo Sarmento Leite, quizeram os medicos e os futuros medicos da 17.^a Enfermaria, unidos ao digno Provedor e a toda a mesa da Santa Casa, inaugurar o teu retrato e denominar

com teu inesquecivel nome esta salinha, que diariamente serve para o trabalho clinico e onde leciona diariamente o teu digno filho, e nosso director o Prof. Sarmento Leite F.^o.

Comnosco em espirito estão todos os medicos que passaram pela tua escola, e todos os que te conheceram.

Circula entre nós a noticia de que, preparando um livro da cadeira que com tanto brilho lecionaste durante quasi 40 annos, existem escritos diversos cadernos. Não sei bem ao certo. O que de certo, porém, eu sei é que existe uma obra classica que ha servido de texto a todos nós e que será por muitos annos o codigo de consulta, não só para o corpo medico, mas para todos os homens de bem e de caracter: este livro é a tua vida.

Laconico é o texto escrito, como poucas eram as tuas palavras; extensa a materia illustrada, reproduções reais e fieis dos inumeros exemplos que nos deixaste.

Dos quadros só quero relembrar aquele, no qual ameaçada a nossa Faculdade de ruir por terra, tu, á frente, sacrificando todos os teus interesses individuais, te lançaste á obra gigantesca de sustenta-la e o conseguiste, levando contigo aquele numero grande de moços, hoje medicos, e que não o seriam si tu não te tivesses sacrificado.

O outro quadro nos toca de muito perto, Prof. Sarmiento, e sahe do fundo de tua alma aparentemente austera, mas no intimo tão generosa, tão desprendida.

Foi pelo fim do ano de 1906, quando um moço que, não tendo meios para pagar a taxa de exame, foi pedir dispensa ao seu director.

“Isto não é meu, não posso atender, respondeu.”

Então, quando o estudante desiludido descia a escada da residencia de seu superior, este vai até o interior da casa e volta trazendo a quantia de que precisava o estudante para a sua taxa de inscripção, e lhe diz: “Não posso dispensar-lhe o pagamento da taxa, porque não me pertence; mas posso dar-lhe este dinheiro, porque ele é meu e posso emprega-lo como quiser.”

O director eras tu — o estudante pobre é quem hoje reconhecido te fala, e quer tornar publica a tua generosidade.

“Prof. Sarmiento; como aureola de justiça e de benemerencia colocaram sobre a tua cabeça o Crucificado, a nos dizer que, ao mesmo tempo que nos ensinavas e sacrificavas tudo para o bem dos outros, tu, Mestre, te guiaste no Mestre Divino, que, depois de dar-se todo aos homens, por elles morreu na Cruz. Com a benção do mesmo Jesus, o teu exemplo de abnegação e heroismo para com os outros, será, te prometemos ao lado de teu filho, o nosso guia na dedicação e no carinho diario para com estes doentes que nos são entregues.”

Em seguida respondeu o Prof. Sarmiento
Leite Filho:

Minhas senhoras. Meus senhores.

Amigo dilecto de meu Pae, quiseste, Ricaldone, num culto perene de afeto e gratidão, patrocinar tão singela quão expressiva homenagem, no primeiro aniversario de seu infausto trespasse.

Nesta sala, onde o filho trabalha, sem lustre, é certo, mas com sinceridade e fé, te aprouve alçar bem alto a effigie sacrosanta do Pai, como a apontar aos que aqui mourejam, no trato diuturno dos doentes, e a indicar aos que aqui aportam, em busca de conhecimento e luzes, o paradigma de todas as virtudes, o estímulo continuo no cumprimento do dever, a advertencia incessante para jamais se desviarem do culto da “honra”, da ciencia e da caridade, “trilogia excelsa a emoldurar-lhe a vida.

Meus amigos.

Em momentos como este, de tão dolorosas recordações e de emoção intensa, o silencio é mais significativo do que frases calidas, muito embora balbuciadas num cicio dorido gerado no intimo do coração.

Permiti, pois, que emudeça e que do abismo profundo de nossa imensa dor exsurja, por entre as lagrimas da saudade, vibrante e sincero nosso protesto de eterno reconhecimento.

Após a cerimonia da inauguração do retrato e placa na 17.^a Enfermaria realistou-se a romaria ao cemiterio onde, diante do tumulo do saudoso mestre, falou, em primeiro lugar o academico Aparicio Maciel:

“Professor Sarmiento:

Somos nós, os teus alunos e amigos, que aqui vimos trazer com esta romaria o testemunho de uma amizade que o tempo não conseguiu apagar.

Faz um ano hoje que te trouxemos. E julgamos que agora é bem a ocasião e bem escolhido o lugar para se ser sincero, para dizer a verdade.

O teu maior pezar que foi também o nosso: foi o de não deixarem que morresses no lugar que havias conquistado com o teu esforço, com a tua dedicação e com o teu heroísmo.

— Estavas velho, cansado. — E os que isto diziam, não tinham visto que de ha muito o teu dorso se curvara para a terra, como á procura do lugar para o descanso merecido; que o teu braço que fôra o arrimo e a tua mão que fôra o guia, de ha muito pendiam exaustos; que os teus pés que traziam a poeira dos caminhos mais aridos, se dirigiam para o fim, para o ultimo dos caminhos.

Fôra tal o sacrificio que fizeras, tão grande o temor que tinham de ocupar um posto que era um verdadeiro posto de sacrificio, que tu eras insubstituível, que tu eras o unico.

Quando veio a officialização, tu estavas demasiado velho, cansado, e até incapaz te julgaram...

Foi esquecida toda uma vida de dedicação e sacrificio, de humildade e trabalho, de esforço construtor sem reclame e sem alarde.

No entanto, todos sabiam que era bem o fim aquilo. Aqueles descansos no meio da escada, a mão espalmada sobre o velho coração generoso.

Todos viam o teu vulto pequenino e querido que era olhado com carinho. As vozes ruidosas se calavam, e os gestos suspensos em meio, todos entristeciam porque viam que aquilo era o fim.

Mas lá dentro tu não eras aquele velho que subira as escadas como si não fosse chegar. Ao contacto de tudo aquilo que fôra a tua obra de mais de meio seculo de vida fecunda e generosa, tu te transformavas e vivias o teu ultimo minuto de vibração.

Porém não quizeram que morresses naquele lugar que era o posto em que devias tombar como um lutador.

E tu soffreste, e nós sentimos. E a tristeza diante de tanta ingratidão, mais do que a doença, te ajudou a matar.

Mal avisados, porém, andaram aqueles que pensaram que os decretos e os atos governamentais tinham o poder de atuar sobre os corações.

Porque tu continuaste conosco. Porque tu continuas conosco, bem junto de nós.

Professor Sarmento. Nosso "velho Sarmento": Repousa aqui tranquilo. Ninguém virá te tirar da quietude eterna do teu sono. As palavras que porventura cheguem aos teus ouvidos serão palavras de saudade.

Os gritos de revolta, as palavras dos homens que ambicionam, que lutam e sofrem, estão lá ao longe nas cidades, bem longe de ti".

Após tomou a palavra o professor Argimiro Galvão, que pronunciou a seguinte alocução:

Nunca falei sob o dominio de tanta emoção, nem para tão longe de quem me ouve. A fidelidade do sentimento coletivo que neste momento traduzo, cumprindo o nobre e doloroso encargo de trazer á beira do tumulto de Sarmento Leite, em nome da Congregação da Faculdade de Porto Alegre, as palavras de Saudade ao professor e companheiro amigo, domina a emoção e eleva a voz para, com firmeza, cumprir sagrado dever.

Bem viva ainda sentimos aquela manhã de tristeza e que assinalou o dia 24 de Abril de 1935, quando da perda do mais eminente dos homens que viveram pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Si como diz Aluizio "Nem tudo é morrer no que acaba, si a realidade refloresce na lembrança sempre presente, si, com os mortos vivem os que vivem na saudade" é certo que para nós, os teus companheiros

e amigos, sempre estás presente pela grandeza do espirito e dos sentimentos que sempre te animaram no seio da Congregação da nossa Faculdade.

Vive na memoria de todos nós a lembrança de Sarmento Leite, que pela atividade e sem igual colaboração nos destinos da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, pelo entusiasmo, diligente e perseverante devotamento á causa do ensino medico, jamais foi excedido por qualquer um de seus pares.

Não carece pois explicar o motivo da homenagem de hoje, em que as lagrimas misturam-se ás palavras, no momento em que recordamos aquella triste manhã, quando a nuvem do crepe desceu sobre a nossa Escola.

Disse alguém que "Ha palavras de todos os dias, mas ha dias que têm suas palavras".

As de hoje são ditadas pelo carinhoso afeto de teus amigos e traduzidas pelo meu labio não menos amigo, na véra expressão da saudade que todos sentimos do grande diretor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, do obreiro maximo do engrandecimento do ensino medico no Rio Grande do Sul, do medico que tanto elevou e pelo exemplo dignificou o exercicio da medicina, do amigo leal, do homem cujas condições personalissimas de caracter, de sentimentos marcaram uma existencia sem jaça, do homem que pela modestia, pela vontade, pela norma da justiça tornou-se um simbolo de respeito e gratidão, do mais util dos homens que serviram á causa da medicina riograndense.

Mal pudemos imaginar que o recolher dos dias contados de 24 de Abril até hoje, o fosse na dura e cruel verdade trazida com o tempo, de só podermos viver contigo pelo espirito, ante a irremediavel tristeza de te haver perdido.

Ainda assim, diremos que mesmo no seio da terra que te guarda não te teremos por morto, sempre sentir-te-emos no recinto da nossa Faculdade com a tua inegalavel ca-

pacidade de trabalho, com a tua invejavel energia, com o teu grande saber, a tudo fazeres naquele meio, obra por ti legada a atual geração medica.

E como eu já disse na Revista dos Cursos, falando de tua personalidade, a Faculdade, obra por ti idealizada com pureza, e que sofreu a ação vivificadora de tua vontade e dedicação ao trabalho, será sempre cultuada e conservada com carinho por todos os que souberam honrar a tua excelsa memoria.

Não só palavras vãs servirão para dizer do valor e da grandeza de tua vida.

Si ha no mundo profissão que tenha o sentido do humanismo e da humanidade, uma profissão sempre pronta para o socorro do homem e da sociedade é sem duvida a medicina. Precisamente fechando-te nos conceitos de Ingegneri e de Tropeano, trabalhaste sempre por um ideal superior dentro da propria medicina.

O triunfo desse ideal, vagaroso, mas seguro o deixaste na grandiosa obra expressa na nossa Faculdade de Medicina e a glorificação deste triunfo a tiveste naquela suave manhã de 31 de Dezembro de 1934, quando o seu corpo docente, na felicidade de uma resolução, imortalizou-te no bronze, deixando no recinto de tua majestosa obra o teu busto, apontando-nos o caminho a seguir.

Glorificado em vida, com a rara felicidade de o teres sentido, hoje na continuidade de tua glorificação, podemos alimentar a esperança, sinão a certeza de que o teu espirito de abnegação e desprendimento, ao ponto de tudo teres dado, sem nada pessoalmente teres aproveitado, continuará sempre ao nosso lado, permitindo que a cada instante, ao declinarmos teu veneravel nome, inspires os nossos atos, da mesma forma pela qual inspiraste a tua vida toda exemplo de pureza e probidade e por isso mesmo pujante e gloriosa.

Ei-nos pois neste instante a recordar tua

vida e tua morte. Ei-nos a num paradoxo dar-te por vivo e por morto.

Em vida foste um vencedor e mesmo um martir. A' tua operosa capacidade criadora sempre aliou-se modestia sem par. A' tua bondade sem igual, somou-se o martirio dos golpes da fatalidade aos quais resististe impavido. A grandeza de teus sentimentos por vezes foi ferida pelas ingratidões de poucos. Mas á gloria de tua vida somou-se a gloria de tua morte.

Si a pujança de teu espirito, do teu merito eram occultadas pelo grande manto de tua modestia, a grandeza de tua obra, o atordoamento dos aplausos revelou-a ao Brasil inteiro.

O teu coração construiu tais afetos que as ingratidões por ventura sofridas neles encontraram intransponivel barreira á insaciavel verdade de um destino.

Eis pois em singelas palavras a afirmativa de uma existencia mais vitoriosa que sofrida.

Triunfo, gloria e amizades formaram a cupula do grandioso edificio de tua vida alicerçada na grandeza da moral profissional e da honra pessoal.

Na rapida passagem de hoje ante o teu tumulo, ao depositar a grinalda em nome da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, todos os que contigo trabalharam acham-se dominados por um mesmo e unico sentimento: Cultuar tua sagrada memoria!

A gloria de tua vida não foi qual passagem em vôo rapido. Viveste por todos indicado aos designios que te estavam reservados. E, nos vinte longos anos de tua administração na vida de nossa Faculdade ultrapassaste em dedicacão ás tuas proprias forças, elevando-te assim em perfeição difficil de encarecer.

Honraremos pois a tua grande memoria e em espirito viveremos contigo no esplendor das horas de evocacão á doçura de tua grande alma.

Assim, no silencio da nossa saudade, quando o vento agitar as folhas dos cipres-

tes tristonhos desta mansão como que num mixto de soluços e preces, juntaremos a nossa eterna magua, a nossa imensa saudade, e envolta com as preces pela tua santa alma e a afirmacão de que sentindo-te sempre palpitar em nossa Faculdade, de onde partiste para o descanso eterno, ante o exemplo que impuzeste e a grandeza de espirito com que animaste a tua vida de professor, conservaremos intacta a tua obra dileta, a nossa Faculdade de Medicina.

Professor Sarmiento Leite. A' tua vida, luminosa pagina de trabalho, de amor á ciencia e de devotamento á humanidade e á causa da nossa medicina, a nossa homenagem á tua imortal memoria.

Dissc.

Por ultimo, agradecendo todas essas homenagens, proferiu o Prof. Sarmiento Leite Filho, a seguinte allocuçao:

Meus senhores.

"Post mortem nihil est..., ipsaque mors nihil".

Assim começa e assim termina uma estrofe, nas "Troianas", Seneca, o Tragico.

"Depois da morte nada ha, e a propria morte nada é".

Se a primeira afirmativa é grande erro perante a nossa crença de espiritualistas, a segunda, ao reverso, satisfaz e consola.

Em verdade vos digo, a propria morte nada é.

Antes significa a transição para uma vida melhor; liberta-se o espirito, a evoluar-se para as regiões celestes; abandona-se a materia inerte ao pó de que foi feita e que em pó se ha de tornar.

E a alma, que não perece, vóa rumo da immortalidade.

De uns a memoria é execrada e, rapido, dilue-se nas trevas do esquecimento; mas a dos varões justos, bons e virtuosos, para sempre perdura na gratidão dos coevos e na recordação dos posteror.

Assim, a lembrança daquele que, na vida

objetiva, se chamou Sarmiento Leite, assim a memoria de quem, embora morto, ainda continua a dar lições aos vivos, na meditação das virtudes e prerrogativas que lhe esmaltaram a existencia inteira.

Transcorrido um ano de seu desaparecimento, aqui vimos todos mais uma vez, irmanados pelos laços de imperecível dór, buscar inspiração e pedir conselhos.

O espirito de Sarmiento Leite, embora invisível, não está ausente; permanece ao nosso lado, a velar por nós, a quem tanto quis, guiando-nos no bom caminho, amparando e protegendo na hora do perigo e do dever.

Aceitai o penhor de eterno e profundo reconhecimento pela exteriorisação dos nobres sentimentos que vos inundam a alma e exornam o coração, vasados no verbo expressivo da mocidade e na palavra amiga do ilustre representante vosso.

Meus amigos.

Ao despedir-me da mansão dos mortos, ouse, em minha pequenez, parafrasear o insigne Ruy Barbosa, na "Oração do filho", e, evocando, neste instante, a sombra de meu Pai, direi:

"Espirito supremo daquele a quem pertence, nas minhas ações, o merecimento da coerencia e da sinceridade; emanação da honra, da veracidade e da justiça, espirito severo de meu Pai; imagem da bondade e da pureza, que verteste em minha alma a felicidade do sofrer e do perdoar, que me educaeste no espetáculo divino do sacrificio coroado pelo proprio sacrificio, caricia do céu na manhã dos meus dias, aceno do céu no horizonte da minha tarde, anjo da abnegação e da esperanza, recebe estas flores. Que elas envolvam no seu aroma a tua memoria, reabram, em cada geração, aos pés da tua cruz, e deixem cair sobre nós o refrigerio de seu orvalho".

A' noite realizou-se, por iniciativa do Centro Academico de Medicina "Sarmiento Leite" na Faculdade de Medicina, uma sessão funebre, sendo prestadas as seguintes homenagens:

A ORAÇÃO DO ACADEMICO CELSO
PAPALÉO

Tomando a palavra, o academico Celso Papaléo, pronunciou o seguinte discurso:

"Exmo. sr. reitor da Universidade de Porto Alegre. Exmo. sr. professor diretor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Srs. Professores. Meus senhores. Minhas senhoras. Colegas.

Seja o meu verbo todo feito de dór.

Seja o meu verbo todo feito de verdade.

Seja o meu verbo todo feito de amor.

Seja o meu verbo todo feito de saudade.

Senhores!

Faz hoje precisamente um ano que partiu para o incognoscível alguém que por aqui passou sendo mais, mas muitissimo mais que um mestre, como si ser mestre concienzoso já pouco fôra na vida. Faz hoje precisamente um ano que, com a alma compungida pela realidade esmagadora, eu, como todos os meus colegas, como todo o corpo medico do Rio Grande do Sul, vi sair dos umbrais desta casa que ele amou tanto quanto a propria vida e mais ainda, o corpo inanimado de Sarmiento Leite, revido pela lei biologica medonha, a unica capaz de derruba-lo, do nosso velho amigo, e do maior amigo desta Escola.

A vida de Sarmiento Leite foi uma vida exemplo, foi uma vida feita só para o bem enorme que decorria de um ideal que ele soube fazer frutificar através a obra estu-penda de sua abençoada existencia.

Essa vida nos foi consagrada. A grande beleza que a exornou nos minimos atos, ainda nos põe admirados por ver tanta grandeza, tanto desprendimento, tanto estoicismo dentro de um homem.

Filho de familia ilustre, já no alvorecer da existencia, bateu-lhe decerto á alma, na

manhã risonha de sua mocidade, a idéia luz, a idéia magnífica de erigir, nesse meio rude do pampa, a sua escola, o seu grande sonho de moço idealista.

Rumou para o Rio de Janeiro, então. A Faculdade de Medicina recebeu o jovem gaúcho que ia á Capital do país em busca de ilustração medica, sustentaculo sem o qual não poderia fazer viver a sua idéia.

Após um curso brilhante, voltou á sua terra natal, onde do modesto medico que nos surgia de longe, sobraçando um diploma ganho com o brio proprio dos homens de bem, ia salvar aquele que plasmaria cá entre nós esse edificio de saber a que tanto deve o povo do Rio Grande do Sul — a nossa Faculdade.

O que ela representa em si, todos o sabem. Mas o que ela foi para o velho professor que lhe deu a vida, muitos ignoram; o esforço titanico que ela custou ao velho mestre, nem todos o conhecem.

E, no entanto, esta escola custou-lhe muito, porque lhe levou a vida passada em cada um dos seus instantes com o pensamento voltado, obsesso de uma ideologia pura e santa, para aquilo que fôra o seu lindo sonho de medico incipiente, do academico mesmo, e que era, na velhice respeitavel e serena de Sarmento Leite, a sua gloria. Sim, gloria eu digo, porque gloria ha de ser, por certo, para um mortal, ver sair de si só, celula modesta de uma sociedade toda inteira, uma obra que o tempo, esse iconoclasta irreverente, jamais conseguirá destruir, porque Sarmento Leite plantou em vida a sua propria immortalidade! Por isso foi ele tão superior a intriguilhas que presenciou, e em que foi envolvido, só se movendo quando essas lhe atingiam a dignidade de uma vida irrepreensivel, ou envolviam os interesses da mocidade estudiosa desta grande terra, mocidade essa de que, incontestavelmente, ele foi o maior amigo.

Doloroso para nós será lembrar, neste momento votivo, toda a beleza e todo o idealismo de uma existencia que, muito

mais do que aquele a quem Deus a tinha dado, pertenceu a estranhos, na consubstanciação de um alheamento sublime que bem lembra a expressão lapidar da grande doutrina de Augusto Comte e de Littré:

VIVER PARA OUTREM

Sim, porque Sarmento Leite teve sempre na vida a formidavel força de esquecer seu proprio eu, para que sempre maior pudesse ver tudo quanto, em momento remoto de sua vida, traçara como rota a ser seguida por todos os instantes. E, nesse caminho de honra, de superioridade e de estoicismo, ele foi passando sobre a terra, só para semear o Bem, só para immortalizar a Verdade!

Tal trajetoria vital, tal curso de dinamismo supremo, não pertencerão á grei cobarde dos humanos, como disse o maior estilista do Rio Grande, e que foi aluno de Sarmento Leite.

Viveu só sublimando cada instante na luz de uma ação digna. Não conheceu nunca a dubiedade, porque — já alguém disse —, em frase historica, que aos homens livres basta sómente indicar o caminho do Dever.

Mas em Sarmento Leite o Dever não se cingiu apenas á observação de convenções algures estabelecidas. Não! Sarmento Leite foi muito mais alem, porque o nosso idolatrado "Velho Sarmento" só conhecia um tribunal — o da consciencia.

Ele, como ninguém no ensino gaúcho, soube, á noite, antes de recolher-se aos aposentos de sua casa, em que foi sempre o marido modelo e o pai amantissimo, bater á porta de sua consciencia, e interrogar-se do dia que se acabára.

E o tribunal impoluto de sua personalidade, o unico verdadeiramente integro no dizer soberano de Vargas Vila, o maior romancista da America do Sul, é o unico sobre a terra que não tergiversa e que não tem duas diretrizes, nunca esse tribunal levantou sua voz para dizer a Sarmento

Leite que ele não procedera bem! Nunca, porque o grande mestre sempre soube e conseguiu, a golpes de energia, identificar-se consigo mesmo.

Jamais trepidou um instante só em bater-se pela juventude estudiosa, juventude que o idolatrava e que a ele — repito — deve mais do que a nenhum outro, sustentando até com o governo constituído, quando as erosões idiotisadas da politicalha malsã procuravam destruir a sua obra, lutas tremendas de que afinal saiu vencedor, para felicidade da nossa terra e dos foros de brio de nossa tradição.

Era um grande, mas, além de ser um grande, era um justo. E, daí o fato de não conhecer duas sendas, de nunca ter assumido duas atitudes.

De seu psiquismo de homem superior, desciam ao campo da ação ponderada, auras que ele sabia transformar em fatos, sem alarde, soberbamente energico e acentuadamente modesto.

Procurou tornar ignorados seus atos mas esses têm tal alcance e tão poderosamente se refletiram sobre a sociedade em que Sarmento Leite viveu, que ele nunca morrerá, porque homens como Sarmento Leite se fazem credores de muitos, porque Sarmento Leite foi o sonhador que realizou o seu grande sonho, que presenciou a individualização de uma idéia, a sua magna idéia de fazer do ensino medico no Rio Grande do Sul alguma cousa que não fosse o arremedo de uma escola, nem a caricatura de um ensino. E, para prova-lo, eis ainda bem nitida na memoria de todos nós, a sua atividade como professor, atividade que nos aparece prenhe de lições, cheia de encanto, porquanto, antes de mais nada, a sua atividade foi a de um homem digno.

Sarmento Leite contrastava flagrantemente a altivez de sua obra com o apeguenado de seu fisico, com a modestia de seu traje, qual de um mero servente da casa em que

era, por ter mais direito do que nenhum outro qualquer, porque, professores e alunos, todos se fizeram sob a egide de Sarmento Leite, em que era — repito — a suprema autoridade e o mais modesto de todos os funcionarios. E por ser tão pequeno, Sarmento Leite fez-se tão grande e tão admirado.

Ainda bem o vejo subindo as escadas desta casa, que como bem disse um dos nossos professores, era sua filha dileta essa filha que fugiu-lhe da proteção patriarcal, já no ocaso da sua inegualavel vida e quão comovedora é a lembrança daquela figura ao mesmo tempo humilde e sublime de elevação, porque desinteressada do exterior frouxo e vasio, inconsequente e futil.

Era Sarmento Leite um iluminado. Era, mais do que o professor, o homem, na plenitude do significado desta palavra.

Do inteiriço de seu carater ninguém siquer uma vez pôz duvida porque a vida de Sarmento Leite fala mais alto que qualquer palavra, porquanto a beleza apolinea do coração elevado não conseguiu demover nunca o homem do desassombro dos gestos, sempre acima da critica.

Mas, superando tudo quanto ele pudesse ter feito na vida aí está atestando a sua potencia de ação, esta escola mais do que nada fruto de seu labor insano, e a maior de sua vida.

E' este templo de estudo que hoje vem, cheio de luto, na evocação de um passado bem aproximado do presente, depor sobre uma memoria sacrossanta no seu todo, a lagrima sincera, que, quintessencia do sentimento humano, signifique, mais do que a palavra imprecisa, a voz muda do coração confrangido do corpo discente desta casa, deixando por sobre a lembrança de uma existencia que lhe foi de inteiro dedicada, o ramilhete da saudade, esse estado d'alma que se não deixa traduzir, por isso que por demais santo para ser compreendido.

Nesta evocação, mais perto de nós e mais unido a nós ainda, sentimos a figura ama-

da do inolvidavel mestre, cujo inteirigo de coração é por demais nobre para ser interpretado em toda a sua plenitude.

Viver como Sarmento Leite viveu é conseguir afastar-se do amesquinhado de nosso tempo, e ir, como sonham os poetas, parar nas planuras só acessíveis aos eleitos e aos puros de espirito.

Porque de certo Sarmento Leite obedeceu á risca o que já nos tempos apagados da antiguidade o imaginoso formidando da mitologia grega deixou gravado no santuario da Medicina, aquela legenda que, qual anathema para os impuros, impedia que entrassem no templo da nossa ciencia os poluidos de coração.

Sarmento Leite foi bom, foi puro, foi altivo, foi correto, foi mestre até o ultimo instante em que seu coração bateu dentro do peito.

Quem espargiu por toda a parte, o ensinamento insuperavel de sua obra.

Todas suas horas, todos os seus instantes foram dedicados á escola bem amada, não conseguindo jamais acobarda-lo siquer, as mais tremendas crises, na vida de uma instituição da qual ele, além de criador, fez-se o maior dos servidores.

Foi Sarmento Leite quem, sendo diretor desta casa, veio cá, no anonimato das portas fechadas, aos domingos, improvisado em servente, varrer o chão que tão distraídos todos nós pisamos hoje!...

O que isso significa que ele fez tantas vezes, dispensa absolutamente todo e qualquer comentario.

Dessa tempera era o construtor do ensino medico no Rio Grande do Sul; tempera propria dos heróis, desses que, pondo de lado preconceitos e a sua propria pessoa, não medem sacrificios porque ele deu todo o alento á Faculdade que havia fundado, muitissimo menos para si, que nada dela ele tirou, sinão para os moços, em que decerto pensára em todos os momentos de sua preciosa existencia.

Num halo santo de luz, surge hoje na

memoria de cada um de nós a figura veneranda de Sarmento Leite, amigo maior da Medicina desta terra, cheia de brio e de grandiosidade.

Não faz muito que tive a ventura de ler esse mago da poesia meridional que é Zeferino Brasil, na ultima de suas obras — a maravilhosa "Alma Gaúcha". Desse livro, que é todo uma musica do mais profundo lirismo, tiro este verso que lanço sobre a memoria de Sarmento Leite, ao admirar sua espiritualidade:

"alma altiva, alma estoica, alma da Patria, acesa"...

Ninguém mais do que tu, meu grande mestre, meu idolatrado amigo, foste altivo, foste estoico, e ninguém mais do que tu teve aceso n'alma o santelmo olimpico do teu profundo heroismo.

Não! tu não morreste, não! porque não morrem aqueles que vivem a flux soberana. Não desaparece da retentiva dos seus coevos e da posteridade que o analisa reverente, quem por aqui passou só para os outros, encastelado na estesia de sua alma de artista, sentenciando nos seus atos todo um codigo de etica dos mais solidos e dos mais perfeitos.

O maior elogio que se te possa fazer será dizer da sua trajetoria luminosa de altivez, proficua de ensinamentos, magistral inspirada nos mais puros sentimentos que possam exornar uma alma.

Do nosso residuo psiquico, tu surges como uma alucinação, tal a altivez formidanda do teu luminoso destino!

E porque puzeste de lado a tua pessoa gigantesca na essencia de suas convicções, não dessas convicções que se deixam levar ao sabor das conveniencias, sinão cheia das razões esterotipadas no imenso medular dos grandes, porque foste exceção no torvelim assoberbante do meio em teus dias se projetaram, mestre, muito e muito soffreste!

Sofreste aquela magua incomensurável dos incompreendidos!

Padeceste, mestre querido, a impureza dos corações obumbrados talvez por alguma ideologia filosófica rebarbativa de negação, mas sofreste sem que te queixasses, resignado à tua sorte, que, por ser dos enviados, seria, inevitavelmente dos acendrados do sacrifício!

Vicente Licínio, o mais brasileiro de todos os brasileiros, não resistiu à derrota de si mesmo e antecedeu o epílogo normal de sua existência com uma bala dirigida, após o minucioso e antecedente estudo de sua trajetória, ao coração que tanto pulsara pelo bem da Pátria estremecida...

Tu, velho amigo, quando sentiste que as forças te iam fugindo, e que as deliberações irrevogáveis do destino haveriam de afastar-te da direção da tua Faculdade tão bem amada, tiveste o estoicismo ciclopico de resistir ao espetáculo doloroso de teu declínio, e te foste refugiar, no aconchego da tua catedral idolatrada e, ainda no crepúsculo de tua missão cá entre nós, foste o mais pontual dos professores!...

A mocidade, afirmação dentro da vida, bem que te compreendeu, colocando-te no altar de seu coração, dedicando-te, na veneração de um santo, o lado mais puro de sua espiritualidade...

Conseguiste ser como ninguém e ninguém conseguirá ser como tu foste!... Hoje, pertences ao rol supremo dos imortais!

Em ti, vejo, bem acertado, o conceito algures emitido, cheio de amor e de verdade: "A Dôr é a Consagração".

Si alguém te maguou, sofreste, mas não soasobriste à Dôr. Resististe sua investida malvada, choraste a ingratidão humana, pensaste na miséria alheia, na estupidez dos que te feriram, mas perdoaste, lembrando a figura lendária e divina de Cristo, que, no auge de seu martírio idealista, volte os olhos meigos ao céu e balbucia, a voz fraca se perdendo na tragédia do entarde-

cer tenebroso: "Perdoai-lhes, Senhor, eles não sabem o que fazem"...

Sim, mestre querido, o anatema estaria lançado, si não fôra o teu perdão, esse teu perdão magnífico que nossa alma de sombra não entende, porque, decerto, não cabe aos apequenados de nobreza a interpretação da alma altiva dos fortes, dos resignados!...

A perfeição bateu ao portico da tua alma, mestre idolatrado!

Tinhas, no amago do teu psíquico, a cantar o hino maravilhoso que só se entoa na catedral pomposa e sacrosanta daquilo que, na mística religião do povo hindu é o maná superior dos eleitos...

*

Sarmento Leite!

Beijo, com a reverência acendrada dos crentes, o teu passado de ouro!

Beijo, qual asceta abandonado no seu eremiterio, pungido a arte reliquia, toda a supremacia impoluta da tua obra!

Beijo a beleza viril de tua alma, a imortal, a limpidez santa de tua vida!

Aluno anonimo, deixo cair sobre tua memória a petala roxa da minha saudade lutuosa..."

Discurso do Dr. Elyseu Paglioli

"Solicitastes, jovens academicos, que eu pronunciasse algumas palavras nesta solenidade em que prestamos homenagem á memoria do Professor Sarmento Leite. E como poderia eu esquivar-me de aceitar convite, tão honroso quanto tocante, si eu sinto como todos vós o doloroso afastamento do Mestre insigne, se compartilho convosco dessa saudade infinita, se ainda sangra a ferida que se abriu nos nossos corações com a sua eterna despedida?

Qual de vós não se sentiria orgulhoso ao pronunciar um nome que foi o maior exemplo de pureza de carater, um nome sem nodoa, um simbolo de virtudes?

Senhores, a nossa homenagem é pequena

diante da figura veneranda do sabio morto. Tudo o que fizemos foi pouco e tudo quanto d'Ele se disse não satisfaz o que d'Ele se queria dizer.

E' que os homens dessa natureza são raros e a lingua humana ainda não se habituou a apreciar-los. Deixai que a vossa imaginação vagueie buscando analisar a vida do morto querido, trazei-o para esta sala onde ele viveu e onde os vossos olhos o contemplaram pela ultima vez, e dizeime se é possível concretizar em poucas palavras o que Ele foi e o que Ele é para nós depois de morto?

Ouve-se melhor o silencio na eloquencia da imaginação, distingue-se melhor a voz do coração quando emudecem os labios.

Ha um ano que o destino cruel arrebatou-nos o Mestre para leva-lo á Mansão Celeste, o ultimo e unico repouso que Deus lhe reservou.

Ha um ano, toda a cidade enlutada, sacudida pelo golpe tremendo acudia a este Salão nobre da nossa Faculdade, cheia de angustia e de dôr, como que reclamando á triste fatalidade o Sabio que ensinou os seus filhos, que exemplificou no trabalho, no dever e na abnegação.

Acorriam todos: ...inconsolaveis os que se viram desde logo a braços com a dura realidade, ...e para certificar-se da dolorosa fatalidade aqueles que, tomados de espanto, perturbaram-se, não podendo conformar-se com a triste noticia, — pesadelo de um sonho sinistro logo transformado na verdade implacavel.

Ha um ano levamos daqui com os nossos proprios braços Aquele que sempre nos trouxe no seu coração.

Com a morte de Sarmento Leite o Rio Grande do Sul perdia o maior vulto do seu corpo medico, e a Faculdade de Medicina um dos seus mais dedicados fundadores, aquele que a conduziu por longos anos, legando-lhe um patrimonio moral de incomparavel valor.

Neste momento resurge para nós a fi-

gura veneranda de Sarmento Leite, no seu habito modesto, na sua humildade de um santo, na sua preciosa pureza de sentimentos. Nunca teve um gesto agressivo nem de injuria a quem quer que fosse, porque na sua consciencia brilhavam todas as virtudes, porque aquele coração feito só de doçura sabia dominar todas as paixões, porque a sua vida apostolar o tinha moldado só para o bem alheio, e porque no seu cerebro privilegiado não germinavam pensamentos que não fossem ditados pela razão mais pura.

Na sua modestia de sabio ocultava a sua grande cultura scientifica e só se expandia quando solicitado a dar esclarecimentos. Era com invulgar proficiencia que dissertava sobre os mais delicados recantos da anatomia do sistema nervoso, senhor absoluto dos mais modernos e avançados conhecimentos da materia.

E vós, jovens academicos, que tivestes ainda a ventura de ouvi-lo, que recebestes os ultimos ensinamentos do grande Mestre, que ouvistes a palavra pausada e arquejante de um velho que nunca vos fez esperar inutilmente pela aula, de um mestre que nunca faltou quer chovesse quer estivesse enfermo, vós que assististes ás suas ultimas lições, vós moços tendes o dever sagrado de zelar pela memoria daquele apostolo!

Muito mais do que as magestosas lições de anatomia que ele vos ministrou, vos ensinaram a sua renuncia e o seu sacrificio.

Espirito atilado e forte, não deixava transparecer através do seu habito modesto a grandeza das suas qualidades. Combalido pelos anos, cansado pelo trabalho e vencido pela molestia, o grande mestre nunca desprezou o lema que o norteava para a immortalidade. Era a vontade gigantesca de um carater sem nodoa a vibrar dentro daquele corpo que definhava rapidamente no ocaso da vida terrena, para alvorecer radioso na immortalidade.

Olhava sempre para o chão como se an-

seiasse pelo repouso que Deus lhe reservava. Chegava ao anfiteatro de anatomia completamente vencido pela dôr e pela fadiga, e via-se obrigado a repousar dez minutos para dar início á sua lição.

Embora em estado febril e gravemente ferido pela molestia que o vitimou, Sarmento Leite continuava infalivelmente suas lições, até que um dia disse: não posso mais, estou muito cansado". A' tarde fui ve-lo e ele recomendou-me que continuasse suas lições, ao que eu ponderei: "por poucos dias até que o senhor se restabeleça". E o pobre velho, já ansioso, abraçou-me tristemente murmurando ao meu ouvido:

"Meu amigo, se foi o velho".

O grande Mestre previa o seu proximo final, parecia mesmo ter desejos de morrer!

Vós, moços, sois testemunhas dos seus ultimos dias; e da vossa memoria jamais se apagará a imagem daquele velho, martirizado pela dôr, cansado pelo trabalho e vencido pela enfermidade, ...mas sem uma palavra de revolta, sem o mais leve sinal de uma acusação, antes com a resignação de um santo.

O tempo que tudo destróe não apagará do vosso coração o bem que ele vos fez, proporcionando-vos uma faculdade digna do seu nome, e legando-vos um exemplo que de muito vos servirá e ás gerações futuras, qual o de moldar o vosso cerebro, por vezes cheio de egoismo e de vaidade, áquele seu cerebro precioso, cheio de todas as virtudes.

Vós sois os responsaveis pela futura geração medica do Rio Grande, vós tereis muitas vezes de escolher entre a cruz e a fortuna, o vosso sacerdocio exigirá muitas vezes o vosso sacrificio; e quando os prazeres mundanos vos tentarem a recuar dele, lembrai-vos do Velho Sarmento, já nos ultimos dias de sua preciosa existencia, exausto, vencido pelo sofrimento e pelos anos, numa pobreza comovedora e batido pela enfermidade, mas cumprindo o seu dever até á morte.

Um raio luminoso reascendia de quando em vez, no seu venerando semblante, um sorriso de bondade e de satisfação intima: era a contemplação do seu passado, era a visão da sua trajetoria luminosa.

Velho Sarmento! recebe as homenagens que no dia de hoje te consagramos. Vês, Velho Mestre que ainda não te esquecemos, que vives no nosso coração como nós viviamos no teu, ...que todos nós te amamos e te dedicamos afeição leal e pura. Perdoa-nos se não soubemos corresponder ao bem que nos querias e que nos fizeste.

Não creias que alguém te desejasse outra coisa que não fosse o teu bem. Anseiavam pelo teu repouso, mas não por esse repouso eterno!

Porque não ficaste conosco? Vês que te queremos, que te amamos cada vez mais, mesmo depois de morto.

Volta, Velho Sarmento, não mais para sofrer, já pagaste o teu penoso tributo, mas volta em espirito para guiar-nos na estrada ardua, para ensinar-nos o teu espirito de sacrificio, ...expande a tua luz sobre nós para que possamos imitar-te, para que trilhemos o teu caminho, o caminho do bem e da virtude, para que possamos ser discipulos dignos do teu nome.

Discurso do Prof. Raul Moreira, em nome dos catedraticos da Faculdade de Medicina.

Em écos longinquos de saudade, as idéias despertaram dentro de mim, eivadas de misterio, neste instante de pura comoção, onde a lagrima se funde com a palavra, para exprimir a dôr...

Devendo interpretar o sentimento da congregação da Faculdade de Medicina, eis-me aqui, compungido, feliz embora, por extravasar os arrebolos do coração de amigo!

E a vida interior esforça-se por vir-me aos labios...

Ninguém contesta a eloquencia do silencio, quando nos quedamos ao getto de ce-

gos de nascença, hipertrofiados na vida ativa do pensamento, vendo passar, ante a imaginação inconstante, o vulto apagado da vida terrena...

Mas, mistér se faz o explodir das manifestações interiores, contentando os que amam a memória de homens, como Sarmento Leite.

Eis porque, no primeiro aniversário de sua morte, nos reunimos nesta sessão evocativa.

Amigo íntimo de um de seus filhos, pôde sondar-lhe, em circunstâncias de franca amizade, as radiações de seu caráter, em épocas de alegria, cercado do conjunto da família, e em momento de amargura, ante decepções, engendradas pela crueldade do tempo.

Numa e noutra condição, permaneceu o mesmo, de um estoicismo raro!

E com isso, através de uma psicologia, insensivelmente observada, o seu ser intelectual e moral destacou-se-me num refletir profundo de bondade, que lhe aureolava a obra educacional.

A alegria dava-lhe conforto; a dor dava-lhe resignação!

Bom, no sentido exato, prodigalisava, sem reserva, não só o tempo, as forças, o devotamento, mas o tesouro sagrado, o melhor de si mesmo, porque dava a beleza íntima dos bens suprémos.

Tudo isso ele dava, como se dá a vida para salvar a vida.

Era o exemplo eloquente e sincero de um grande coração...

A dadiva sagrada e tantas vezes trágica é exigência da superioridade moral.

Para almas, como a sua, importam mais fazer o bem, ser profundamente útil, do que aparentemente feliz!

E quando assim se arrisca o esforço suprémo de uma alma pela felicidade alheia, ela se desenvolve ainda mais bela e mais serena...

E Sarmento Leite, escondido sempre na modestia incomparável, sondava, automaticamente, esse infinito, quasi incompreensível, da bondade!

Senhores!

Si não bastasse a lembrança indelevel do vulto de Sarmento Leite, nesta Faculdade, pela pleiade de amigos e discípulos; si não bastassem os sinais de sua atividade incrível em cada canto desta Escola; si não bastassem os apertos d'alma, cada vez que montamos a escadaria deste edifício, ele aí está, como já lhe chamaram "a glória em vida", nesse busto feliz do artista, como estatua viva, na lição pertinaz da integridade moral e científica. E ali permanece, abraçando a todos, como a apontar o caminho do amor à Medicina, nas lições magníficas de Hipócrates...

Alquebrado embora pelo sofrimento, no cansaço das agulhadas do destino rúde e das noites de vigília do trabalho insano, mal pensavamos que, tão pouco depois da justíssima homenagem, havíamos de chorar a sua morte...

E porque, senhores, no dia de seu enterramento, não houve, nesta casa, quem não conservasse os olhos marejados de lágrimas; porque ontem, como hoje, ainda nos confrange o íntimo o vácuo de sua ausência?

Porque Sarmento Leite, no clarão da personalidade, foi primordialmente, um bom.

E tal sucede aos grandes vultos, o recolhimento, que lhe caracterizava, não podia prevêr a justiça dos contemporâneos ao nome ilibado.

E a lembrança de sua vasta cultura, o reflexo da atuação de mestre e chefe desta Faculdade, brilhavam em esféras além da medicina.

E percorreram as fronteiras do Brasil e além-atlântico, espargindo lições imorredouras!

A unidade do espirito humano, tocando á genialidade, acomóda-se a certo numero de tendencias e de modos diversos.

Delineou-se-lhe a vida, dentro da esféra dos genios da humanidade!

E, para completar-lhe, nas manifestações sociais, o grande homem, não faltou a Sarmento Leite o assedio da tirania mediocre e corrosiva, que, longe de comprehender os altos espiritos, antes procura rebater-lhes as nobres aspirações!

Não deixou, entretanto, de ser feliz, ante a elevada emoção intelectual que caracteriza o sábio, como a emoção espiritual caracteriza o santo.

No curso logico do pensamento, tal estado afetivo póde ser ligado a todas as fórmegas do saber humano, pelas idéias, imagens, raciocínio.

Tudo isso, sábio da anatomia, no aprofundar-lhe o estudo, passou por todos os momentos classicos do sentimento intelectual: a fase pratica, a fase scientifica e a fase apaixonada.

Creio, pois, que, em torno de Sarmento Leite, poder-se-ia asseverar que “sobre a terra inquieta ainda não existe uma humanidade unida. Existem fragmentos dispersos de humanidade, fócios ardentes de humanidade.

Os genios são os percursores da unificação que se desenha no horizonte.

Os genios fundem, amalgam a todos os povos na esféra purissima da arte, da ciencia, da filosofia. Nessas regiões elevadas todos colaboram, todos se dão as mãos. Ali não ha genios autoctonos e genios estrangeiros. A terra é a sua patria infinita, a humanidade sua raça imperecível”.

Desvendava-se, no carater de Sarmento Leite, o conceito de que “o fim da vida é

a bondade. Não a bondade quotidiana, fragmentada, descontínua, mas a bondade amor, sabedoria, beleza, que nos educa a comprehender e a admirar, e que não nos abandona”.

De fato, o que faz o homem grande e egregio, que assume proporções gigantescas entre os maiores, não é tanto a grandeza do nascimento como a grandeza do carater.

E’ o que possui firmeza de principios e inteireza de costumes; é o que sabe sustentar a linha do ideal e do dever.

E assim será mais homem entre os homens.

Tal foi Sarmento Leite, de cuja memoria tanto nos orgulhamos!

Para ele, póde-se repetir:

“Como essas vibrações luminosas que, de molecula em molecula, e através de milhões de leguas, transmitem á nossa terra, condensados num raio de ouro, o brilho e o calor do sol; as lições e as obras dos bons, atravessando as idades, e excelindo e evoluindo de geração em geração, chegam até nós e ficam depois de nós distendidos num traço de luz, fecundas e resplendorosas para sempre”.

Senhores!

Ontem, como hoje, e sempre, a recordação imprescindível de seu vulto admirável, ressurgerà no ambito de nossas cogitações de ensino e de trabalho. E’ a memoria inapagavel do sábio e do bom.

Fechou, ha um ano, os olhos, para o claro da eternidade!

Mas ficou entre nós!... Aqui permanecerá, na serenidade da figura de apóstolo, nas lições de mestre, no exemplo de homem, na bondade de amigo!...

Alocução pronunciada pelo Prof. Sarmento Leite Filho

Minhas senhoras. Ilustrados professores. Caros academicos. Meus senhores.

A mim me aprouvera emudecer neste momento, para não reavivar os espinhos cruciantes da saudade, tão intensas e profundas as comocões sofridas no transcurso deste dia lutuoso.

"Quisera", no dizer do poeta, "maguas pungentes neste silencio olvidar".

Imperativo categorico impele-me, porém, a falar á mocidade, para, de viva voz, agradecer mais este preito de amor e veneração á memoria de meu Pai e nosso Mestre.

Meus amigos.

Em intuição admiravel, malgrado o verdor dos anos, sabe a mocidade discernir entre o bem e o mal, castiga o mau e recompensa o justo, aprecia, por isso, e exalta os varões ilustres que por ela se devotaram.

"Ao professor Sarmento Leite, Mestre insigne e nobilissimo Amigo", foi a carinhosa dedicatória das merencorias flores com que, ha um ano, o Centro Academico de Medicina, em inspiração feliz e em sua bondade sem par, engrinaldou o sarcophago de meu Progenitor.

Mestre insigne e nobilissimo Amigo! Quanta beleza e quão proficuos ensinamentos na singeleza expressiva dessa legenda.

Mestre insigne: digam-no as gerações medicas que por aqui perlustraram.

Nobilissimo Amigo: proclamem-no, bem alto, os academicos de todas as eras.

Mestre insigne! Fale por mim o verbo cintilante e rutilo de Mario Totta: "A sua catedra foi pulpito sagrado de onde as predicas jorravam em fachos de excelsa claridade e onde correram por anos e anos, oiro a fio, o luzimento da sabedoria e o devotamento ao dever".

Nobilissimo Amigo! Foi o padrão inquebrantavel por onde se modelaram todos os

atos da existencia de meu genitor e onde se aprimoraram as virtudes excelsas de seu grande coração.

"Puro, sincero, dedicado, não medindo sacrificios para bem servir", conclama Olyntho de Oliveira, seu companheiro de lutas, irmão em ideais e velho amigo, "era o tipo do homem com quem podiam os seus contar na hora feliz e na da adversidade".

Grande amigo da mocidade, era-lhe o guia, o conselheiro, o invulgar inspirador, sempre pronto a ampara-la nas causas justas, mas dentro da lei e dos regulamentos, evitando, assim, as ocasiões propicias de gear as gloriolas vãs de uma popularidade falaz.

"Mestre insigne e nobilissimo Amigo", eis o laurel imarcescível com que cingistes, leais camaradas, a fronte inanimada de meu Pai.

Meus amigos.

A homenagem espontanea e sincera que vindes de realizar, recordando a quem, muito embora morto, continua a viver em nossa veneração e em nossa saudade, entenece e comove.

Pela palavra inspirada e ardente de vosso nobre representante exteriorisaes a simpatia que vos anima, o reconhecimento que vos impele, na vibração e fidalguia de vossas atitudes.

Modesto e desinteressado, nunca teve meu Pai, durante a vida, para distribuir, a mão — cheias, honrarias, benesses e mercês.

Morto, só vos oferece a meditar lições de honra e de civismo.

Mirai o vulto sereno e placido de vero sacerdote de Hipocrates.

El vereis o que olhos não vêm, mas o que só sente o coração.

Abafe-se a voz calida da afeição e do amor filial, para que da razão só se ouça a linguagem leal e franca.

Por isso vos concito, senhores alunos.

Sirva-vos de paradigma em todos os instantes de vossa vida e aonde vos chame o dever profissional.

Imitai-lhe a paciência beneditina nos dias felizes e na adversidade.

Cultivai a gratidão pelo muito que lhe deveis e pelo muito que vos merece.

Cultuai-lhe a memória sacrosanta, para que, amanhã como hoje, nesta hora memorável de recordações e de saudades, possais dizer embevecidos:

Bemdito seja para todo o sempre quem sobre a terra tanto bem espargiu. Dilue-se, na voragem dos tempos, a vanglória mundana, mas a bondade que exerceu, em continuo apostolado, jamais se apagará!

Meus senhores.

Para realçar ainda mais a pompa funebre desta cerimonia, adornando-a se possível, de maior carinho, a ela se quis associar o corpo docente desta Faculdade, evocando, nesta hora, pelas orações sentidas de seus nobres representantes, o velho companheiro tombado em meio da jornada.

A Sarmento Leite, varão impoluto e justo, se pôde aplicar, com acêrto, o que, do benemerito Comendador, farmacêutico Gra-

nado, se disse, em elogio funebre: "Se a morte, na frase precisa e cheia de estoicismo do saudoso Professor Miguel Couto, ao sentir que a vida lhe fugia, nada mais é que uma contingência biológica; se a essa contingência ninguém se pôde furtar, creaturas ha, no entanto, que, cumprida essa finalidade material, como que passam a viver a vida eterna do espirito, confortando e animando a alma dorida dos que ficaram. Essa vida, porém, só a vivem aqueles que foram bons, aqueles que por suas virtudes d'alma ou de coração, que por seu saber ou bravura, deixaram de sua existencia esse traço luminoso e perene que conduz á immortalidade".

"Momentos ha na vida", sentenciava Victor Hugo" em que, "seja qual fôr a posição do corpo, a alma sempre se encontra de joelhos".

Assim a nossa neste instante, genuflexa ante vós, para agradecer mais este tributo de amor, carinho, e simpatia a quem por nós tanto fez!